



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 17 - dezembro de 2016

Adolescência e literatura: entre textos, contextos e pretextos

Adolescence and literature: amidst texts, contexts and pretexts

*José Nicolau Gregorin Filho**

RESUMO

O que se pretende, neste texto, é discutir a adolescência como concepção cultural e historicamente produzida, além de sua estreita relação com o mercado de consumo. Nesse universo, pretende-se localizar a literatura produzida para os jovens e seu papel nessa etapa do amadurecimento humano. Então, é importante citar a postura de Tzvetan Todorov, refletindo que “a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes”.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Literatura juvenil; Adolescência; Texto

ABSTRACT The aim of this paper is to discuss adolescence as a historically produced cultural conception, besides its close connection with the consumer market. In this universe, the goal is to locate the literature produced for young people and its role in this stage of the human maturation process. Thus, it is important to mention the position taken by Tzvetan Todorov, pondering that “Literature is not born in a vacuum but in the center of a set of living speeches, sharing with them many characteristics; it is no coincidence that, throughout history, its borders have been inconsistent”.

KEYWORDS: Culture; Literature for young people; Adolescence; Text

* Doutor em Letras – UNESP. Docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo – USP – São Paulo – SP – Brasil. jngf@usp.br

Introdução

O que se pretende neste texto, ainda que não se esgote o tema em razão da situação de comunicação, é uma abordagem dos diferentes contextos nos quais a prática da leitura literária tem lugar, bem como pensar nos textos literários produzidos especificamente para o público juvenil.

Importante assinalar que um embrião dessas reflexões foi apresentado numa mesa-redonda durante o I Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária, na cidade de Florianópolis/SC. Na ocasião, a ênfase da discussão era a infância e, em consequência, a literatura infantil ocupava um lugar de destaque. Aqui, procuram-se abordar aspectos da literatura produzida para os jovens, bem como algumas considerações acerca da concepção de adolescência e do mercado cultural criado para esse público.

Procura-se, em resumo, discutir a relação entre a literatura que o mercado editorial vem produzindo para os jovens e os lugares dessa literatura e da especificidade da literária no espaço escolar numa sociedade imersa na ditadura do consumo.

1 Adolescência, cultura e literatura

Antes de tratar de literatura especificamente e de suas práticas escolares, alguns comentários sobre a adolescência parecem pertinentes, já que assim é designada grande parcela do público que se encontra no Ensino Fundamental II, fase escolar em que a literatura juvenil e a leitura literária deveriam ocupar lugar de destaque na formação dos futuros cidadãos.

Não há como referir-se à adolescência sem que se perceba o entorno sociocultural e econômico onde o indivíduo está inserido. Ao contrário da divisão estanque mostrada em vários catálogos de editoras e mesmo na formulação do sistema seriado de educação vigente no país, não é a cronologia o fator preponderante na delimitação e determinação das fases da vida humana.

Falar de adolescência, nessa visão, requer um cuidado maior do que simplesmente classificar indivíduos desta ou daquela faixa etária. Quando se discute adolescência – e aqui o campo de observação recai sobre as culturas ocidentais – há necessidade de se entender o termo como concepção cultural e historicamente produzida por vários fatores do cenário cultural, inclusive o econômico. Dessa forma, sendo

concepção e não conceituação, pode sofrer modificações em razão do meio em que se insere, meio esse que, também, concebe uma prática pedagógica e atividades escolares para o atendimento desse público.

Nessa fase de indefinição, de margem social e de amadurecimento, pois o indivíduo encontra-se entre a fase da infância – outra concepção sociocultural – e a idade adulta, é importante que o estudioso de literatura e o próprio educador revejam sua trajetória humana, pois, nesse tempo do amadurecimento humano, vive-se numa margem entre a criança que ainda se faz presente em várias ações e sentimentos e um adulto que começa a tomar lugar num corpo que se modifica dia a dia.

Se há certa instabilidade na concepção do próprio adolescente, público-alvo da chamada literatura juvenil, há que se pensar de modo bastante abrangente naqueles textos que a escola irá oferecer como sendo uma literatura voltada para esse público, assim como discutir a literatura produzida para os jovens e a formação de leitores literários. Para essa reflexão, cabe citar a seguinte postura de Tzvetan Todorov: “A literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes.” (2009, p. 22).

Por outro lado, a literatura que se convencionou adjetivar de “juvenil” toma forma em função da concepção do público a que se destina, ou seja, o jovem do início do século XX era diferente do jovem deste limiar de século XXI e, ambos, quase em nada se assemelham àquele jovem do século XIX, assim como a literatura produzida para esses jovens tomou formas variadas com o passar do tempo. Essa mudança pode ser percebida não só no comportamento, na vestimenta, mas sobretudo na relação que ele mantém com outros adolescentes e com os mais velhos, bem como na maneira como interage com as tecnologias, estas também tão diferentes daquelas do início do século passado.

Cada época e cada sociedade produzem, então, um jovem portador de determinados costumes, com determinadas aptidões e gostos e o mercado editorial busca, nessas características, a moldagem de uma literatura que consiga chegar a esse público. Evidente que determinados textos conseguem chegar mais rapidamente pela contribuição da mídia e por cair no gosto desse público e, com certeza, não serão aqueles adotados pela escola, mas aqueles que sairão na relação de mais lidos e serão adaptados para o cinema e exibidos no mundo todo.

2 A literatura juvenil: entre textos e contextos

Discutir as práticas com a literatura na sala de aula é assunto já conhecido dos profissionais de educação e tocar nesse tema é colocar-se diante de algumas concepções de literatura e leitura homologadas por tradições pedagógicas por vezes sem sucesso e até mesmo sem nenhum resultado prático, ou seja: formar leitores. Algumas dessas concepções têm produzido até posturas autoritárias que se repetem e só fazem apagar questionamentos de fundamental importância para essa etapa do amadurecimento humano e para a formação de um indivíduo apreciador da arte.

A hegemonia europeia no pensamento pedagógico no Brasil, iniciada pelos jesuítas, perdurou até praticamente o século XX, período em que a literatura infantil/juvenil começa a tomar forma em nosso país, ainda que uma forma supostamente literária utilizada como pretexto para a prática pedagógica e para o ensino dos padrões ditos mais cultos de língua portuguesa nos textos de Bilac, Viriato Corrêa e Júlia Lopes de Almeida. Várias décadas se passaram até que surgissem obras nas quais a discussão de temas cotidianos se fizesse presente, numa linguagem mais próxima àquela utilizada pelos jovens no seu universo de relações sociais. Sempre, a produção desse tipo de literatura é apoiada em leis e propostas curriculares oriundas das ideologias de vários governos, do uso da língua à temática por eles trazida à tona.

Bem mais tarde, em meados da década de 1980, a redemocratização do país e a abertura política puderam escrever uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Já eram os meados da década de 1990 e outras temáticas para a literatura infantil passaram a fazer parte dos livros de literatura destinados ao público juvenil de maneira mais contundente. Essas temáticas, muitas vezes consideradas impróprias para o âmbito escolar, tais como a pluralidade cultural, étnico-racial e também sexual, agora ganham discussões nas salas de aula e nas obras.

Se essas mudanças puderam ocorrer na produção literária, o mesmo não acontecia de forma tão veloz na prática escolar, já que a escola foi; e ainda, é um lugar de manutenção de valores tradicionais da sociedade, com mudanças lentas e cobertas de polêmicas, pois fatores como moralidade e religiosidade sempre estão a rondar as salas de aula.

Na opinião de muitos estudiosos, a tradição e as visões sobre a presença da literatura no conjunto de disciplinas escolares pode ter sido responsável por um

comportamento marcante na atualidade: o distanciamento dos alunos de algumas práticas de leitura e do convívio mais efetivo com os textos literários.

É exatamente nesse ponto que se iniciam os conflitos na postura adotada tradicionalmente pela escola quanto à literatura e às práticas de leitura, desde o conjunto de concepções teóricas até a escolha de atividades que, como já se mencionou, muito têm feito no sentido de afastar o aluno do universo de textos produzidos no âmbito literário.

É importante observar a delimitação do termo “literatura” tem sido motivo de muitos debates no meio acadêmico, debates esses que provocam ressonâncias em várias esferas do ambiente escolar. Aqui, será adotada a seguinte concepção de literatura, proposta por Antônio Cândido num texto em que coloca a literatura como um dos direitos humanos fundamentais:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (2004, p. 174).

Nessa passagem já se verificam aspectos nem sempre contemplados nas propostas de ensino e aprendizagem de literatura na escola, já que a própria instituição escolar, responsável pelo aspecto formal da educação, construiu-se como depositária de uma tradição que pensava apenas na reprodução de padrões hegemônicos, basicamente europeus, quer sejam padrões de educação ou de literatura. Talvez essa seja uma explicação para a historiografia literária e o estudo das teorias sobre a literatura ainda se sobrepõem à leitura e ao contato com os textos literários propriamente ditos. O cânone, entendido como um conjunto de autores e obras exemplares a serem estudados em razão da herança estético-linguística que guardam, continua a ter privilégio sobre as demais produções. Evidente que esse cânone deve ser estudado na escola, para que se tenha acesso a sua plenitude artística, e há que se formar um leitor para esse exercício.

Posto isso, agora podem ser discutidas algumas questões ligadas à literatura juvenil na sala de aula, considerando a importância da participação de todos os profissionais da educação envolvidos no processo de elaboração de programas e atividades com a literatura, com o objetivo de procurar refletir sobre a seguinte questão formulada por Todorov (2009, p. 35): “Como aconteceu de o ensino de literatura na

escola ter se tornado o que é atualmente? Pode-se, inicialmente, dar a essa questão uma resposta simples: trata-se do reflexo de uma mutação ocorrida no ensino superior.”.

Esse breve fragmento é capaz de abordar uma das questões centrais no que se refere ao ensino de leitura e da literatura: a reprodução de modelos promovida pelo desgaste de metodologias transferidas há tempos para os alunos do curso de Letras, futuros professores. Esses modelos tendem a ocasionar, agora na etapa de preparação para o exercício docente, o distanciamento da leitura da obra literária em razão da aplicação de teorias na leitura do texto literário. É saliente-se que esse distanciamento tem sido patrocinado durante toda a vida escolar em razão de práticas de leitura muitas vezes inadequadas.

Essa constatação é outra base para a discussão do tema já que, muitas vezes, o aluno, no seu contato com o fazer literário, não se vê representado, não vê seu universo cultural refletido esteticamente no/pelo livro de literatura. A literatura oferecida na e pela escola faz uso de uma criação artística forjada apenas para o ensino e discussão de temas e modelos de textos e, desse modo, acostuma-se a olhar para a literatura com a mediação de teorias e passa-se a reproduzir essa prática para outras gerações, principalmente no papel de professor.

Muitas vezes, o jovem aluno deixa de vivenciar efetivamente a leitura da obra pela imposição de responder a uma série de atividades tradicionais e pré-moldadas que visam tão e somente aferir sua competência de leitura mais superficial e o uso da língua; tudo isso condicionado em “caixas” pré-moldadas e impostas por uma concepção estática de currículo: a caixa dos gêneros, a das figuras de palavras, a caixinha da biografia do autor e um sem número de imposições teóricas que afastam o aluno do prazer da leitura literária e, conseqüentemente, provocam o afastamento do hábito de ler essa modalidade de texto.

Nesse sentido, a escola, em seu papel de formar leitores literários, tem agido de maneira a formá-los para o seu próprio consumo, para suas atividades de avaliação, para a inserção em novas etapas de ensino ou para os exames vestibulares, já que o ensino médio tem se voltado exclusivamente para o estudo dos itens propostos nos programas desses concursos.

A escola precisa, urgentemente, promover mudanças radicais na sua maneira de pensar a formação de leitores e pensar em formar leitores para a leitura da vida e da sociedade, reorganizadas no e pelo texto literário. Isso desde os primeiros anos da vida escolar.

Imersos numa sociedade do desmanche, onde paradigmas são derrubados todos os dias, os jovens precisam aprender a ler o outro, ler a multiplicidade das relações humanas que se processam nos meandros da vida social, que se modifica num constante fazer historicamente produzido. Nesse conflito de vozes emergentes de vários tipos de textos, a literatura deve contribuir sobremaneira para as trocas culturais e para as mudanças sociais, pois o fazer literário configura-se como uma expressão política por excelência.

Nesse ponto, surgem discussões sobre a validade ou não de indicar a leitura de alguns livros para os jovens, dos mais atuais aos clássicos, mesmo aqueles adaptados. Por que não indicar? Os jovens não têm direito de tomar contato com todo o produto estético da experiência humana? A escola não os preparou para isso naquelas etapas anteriores da formação?

Entendendo a literatura de uma maneira mais ampla, abrem-se novas possibilidades de inserção da arte na vida escolar, artes essas mais próximas das práticas sociais em que os jovens estudantes se inserem, bem como a possibilidade de veiculação e de práticas leitoras em suportes vários trazidos pelas novas tecnologias. Um bom exemplo dessa velocidade de vida e de troca de informações na sociedade atual talvez seja a crônica.

A leitura de uma crônica na sala de aula pode, por exemplo, significar a experiência leitora de um fragmento da vida social moldado de forma estética; um retrato de parte do mosaico cultural no qual o jovem se insere por meio da palavra-arte, permitindo a esse público o contato com uma maneira diversa de perceber e representar características sociais tão marcantes em determinadas culturas, por vezes tão conflituosas.

Observe-se que aqui nem se diz sobre o poema, pois nota-se o despreparo na formação profissional para o trabalho com esse gênero, às vezes desprezado pelo preconceito em relação às preferências de leitura dos alunos na etapa da adolescência; mas mesmo o poema pode trazer novas possibilidades para o contato do jovem com o fazer artístico moldado pela linguagem verbal.

Esses breves exemplos foram elencados para que se ressalte a necessidade de repensar o porquê e como inserir a literatura no currículo escolar, além de questionar o prejuízo que aspectos marcadamente tradicionalistas e teóricos podem trazer ao convívio real com o texto literário, responsáveis por impedir a formação de leitores mais plurais e críticos em relação às formas de produção artística com a palavra.

Ao se refletir por esse prisma, os projetos de formação de leitores literários devem ser pensados no amplo e vário conjunto dos diálogos das práticas culturais, mostrando que a literatura é parte integrante do universo cultural de uma sociedade.

Ao invés de reconhecer a literatura como parte integrante da estética das cenas culturais, o que se percebe é o quase vazio de propostas para o ensino de literatura na segunda fase da Educação Básica, pois, entre as práticas de leitura literária destinadas às séries escolares iniciais e as competências e habilidades exigidas dos alunos de Ensino Médio que buscam todos os anos o seu ingresso numa universidade, sente-se um hiato, a perda de algo importante no meio do caminho, e esse “algo” talvez seja a vontade de saborear a leitura dos textos literários pela falta do contato com esse tipo de texto.

Muitos profissionais da educação atribuem essa quase ausência de leitura literária no segundo ciclo do Ensino Fundamental ao desinteresse dos alunos na fase conturbada da adolescência em que se encontram. Outros afirmam o aspecto negativo oferecer os clássicos da literatura para a leitura do aluno nessa fase do amadurecimento, já que essas obras estariam numa posição muito distante da realidade do indivíduo, seja pelo uso da linguagem ou pelas relações sociais ali representadas.

Em contrapartida, o mesmo preconceito existe em relação a novos títulos lançados para os jovens, muitos com qualidade literária e projetos gráficos arrojados, alegando-se que não poderiam ser classificados como literatura num sentido estrito. Nota-se que entre esses lançamentos há uma série de livros produzidos com objetivos marcadamente comerciais para atender a conteúdos e propostas escolares, seja quanto ao tema, seja quanto ao gênero que supostamente representam de maneira mais didática; mas nesse meio há também obras de valor literário, obras que atenderiam aos anseios de leitura dos jovens e se configuram como literárias.

Outro fator a se pensar é o uso das novas tecnologias da informação em favor do ensino de literatura, pois, se os jovens de hoje estão cada vez mais imersos no universo dessas tecnologias, muitas escolas, apesar de possuírem essas ferramentas, não conseguem desenvolver projetos interessantes para o trabalho com a literatura nesses suportes tão próximos da realidade de seus alunos.

Para que os jovens percebam a teia de discursos onde reside o texto literário, a utilização dessas tecnologias pode ser boa aliada, promovendo atividades de construção de veículos de difusão em redes de relacionamento, por exemplo, para que sejam socializadas discussões sobre obras, e esses trabalhos podem se transformar em experiências enriquecedoras e bons instrumentos de avaliação da relação de

adolescentes com as obras indicadas para leitura. Isso para citar apenas um exemplo banal.

Percebe-se que mais importante do que trocar receitas prontas sobre como trabalhar a literatura – seja ela qual for – em sala de aula, é discutir com professores e alunos a necessidade de uma concepção de literatura como um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial-social-cultural, pois o texto literário traz ao seu leitor a experiência de um indivíduo imerso numa determinada cultura de um grupo social específico, que, num determinado momento, traduz uma ou várias questões dessa relação (re)criada por um fazer estético que também tem relação com o momento histórico dessa sociedade da qual o texto emerge e com a qual procura dialogar.

A adoção dessa postura, no entanto, requer o reconhecimento e a valorização das relações existentes entre literatura, história e cultura, visto que nenhum texto, principalmente o literário, surge do vácuo; ao contrário, ele é parte de um diálogo maior promovido nos mais diferentes conflitos da vida social. Entendida desse modo, a literatura configura-se como um importante documento para a compreensão de relações culturais e de conflitos sociais que, por este ou aquele motivo, foram apagados de textos responsáveis pelo saber histórico, sociológico ou antropológico.

Quando se diz do papel da escola na formação de sujeitos leitores de literatura, diz-se também, e principalmente, do reconhecimento do meio em que o aluno irá interagir e atuar como sujeito e, nesse ponto, a literatura pode oferecer importantes alternativas de superação e resolução de conflitos, fazendo-o por meio da ficção e com diferentes representações estéticas.

Essa necessidade de um olhar diferenciado para o ensino de literatura e para a abordagem da literatura para crianças e jovens no espaço escolar pressupõe outra postura para a literatura, não apenas como um bloco de textos circunscritos numa linha temporal, mas numa concepção mais ampla e dinâmica, em que se volta a atenção para as características que inserem um determinado texto no âmbito de outras produções artísticas com a linguagem. Desse modo, é importante que se volte a atenção para a literatura propriamente dita e a prática da leitura.

Conclusão

O que se tentou discutir é a necessidade de o professor escolher obras literárias para as atividades escolares não somente utilizando-se de alguns parâmetros tradicionais

como o tema ou o gênero, sempre sistematizados de maneira a atender conteúdos curriculares, visto que o resultado dessa prática trouxe para o ensino da literatura muitas caixas, estanques e compartimentadas, cavando um abismo entre o aluno e a leitura literária.

A escolha das obras literárias para o trabalho na escola deve ter como parâmetro as representações estéticas do universo cultural onde o aluno atua como protagonista e, nesse sentido, a opção do professor deve ser pautada por um elenco de obras em que subjazem os saberes essenciais para a vida do aluno num universo social que se apresenta cada vez mais múltiplo, saberes esses que se (re)fazem na e pela produção estética, num movimento dialógico constante entre a sociedade e a arte.

Nesse ponto, a literatura tornou-se uma parcela concreta e de suma importância na e para a cultura, ou seja, o leitor, por meio da experiência da leitura literária é capaz de acessar universos culturais próximos às suas vivências imediatas, ao mesmo tempo em que pode tomar contato com outras formas de viver a experiência humana e até questionar os valores sob os quais se encontra envolvido na sua própria cultura.

Para que a literatura – mesmo aquela classificada como juvenil – não se torne mais um componente curricular desvinculado totalmente da vida do aluno, a inserção da leitura literária e da literatura na escola deve ser pensada de maneira a trazer a possibilidade de o indivíduo conhecer e interagir de maneira mais autônoma com um mundo construído na e pela linguagem, não apenas decorar textos, seguir padrões e reproduzir os conteúdos numa avaliação pensada apenas para a vida escolar e não para além de seus muros.

Assim sendo, a literatura, além de promover o conhecimento do próprio indivíduo e da sua frágil condição humana, também deve instaurar diálogos com outras artes e com outras formas de produção do conhecimento, pois a literatura é constantemente construída pelas relações dialógicas que mantém com outros tipos de texto, com outros saberes.

Ainda relembrando a passagem de Antonio Cándido, pensar a literatura como um direito do indivíduo, não apenas obedecendo a leis educacionais e propostas pedagógicas governamentais, deve exigir um planejamento de ensino em que se mostram claramente quais são os saberes essenciais para a vida do aluno num universo social que se apresenta cada vez mais diverso e múltiplo.

Essa postura seria uma boa forma de evitar o acúmulo de conhecimentos empilhados, que em muito distanciam o indivíduo da prática social e das enriquecedoras

experiências promovidas pelas trocas culturais por meio do texto literário, iniciados pela literatura infantil.

Para que o professor consiga levar ao aluno toda a diversidade da cultura por meio do texto literário e das práticas de leitura na escola, é necessário muito mais do que um rol de atividades para serem aplicadas nesta ou naquela aula, para este ou aquele livro. É necessário que o professor seja um leitor de literatura, que ele seja um leitor das estéticas do mundo, das cenas e dos atores desse mundo e, mais ainda, que ele sempre esteja aberto para a experiência da cultura de maneira mais ampla.

Em outras palavras, “[...] o professor é, concomitantemente, alguém que participa ativamente desse processo; alguém que estuda, lê e expõe sua leitura e seu gosto, tendo para com o texto a mesma sensibilidade e atitude crítica que espera de seus alunos.” (MAGNANI, 2001, p. 141).

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. *Vários Escritos*. SP-RJ: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.

_____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MAGNANI, M. R. M. *Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Data de submissão: 08/08/2016

Data de aprovação: 07/09/2016